

O ÚLTIMO BOMBOM: RECIPROCIDADE, ÉTICA E SOCIABILIDADE NO AMBIENTE DOCENTE

THE LAST BONBON: RECIPROCITY, ETHICS, AND SOCIABILITY IN THE TEACHING ENVIRONMENT

 <https://doi.org/10.63330/sasciencsv6n2-070>

Submetido em: 09/07/2026 e Publicado em: 16/07/2026

SAS: e26291

Ricardo de Moura Borges

Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú - UVA, Sobral-CE, Licenciado em Sociologia pela Uninter, professor com vínculo temporário no Instituto Federal do Piauí- Campus Paulistana-PI

Resumo

Este artigo apresenta e analisa um experimento sociológico realizado na sala coletiva de professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – Campus Paulistana, no período de abril a junho de 2026, contando com a participação de mais de 60 docentes. A intervenção consistiu em colocar um pote de bombons acompanhado de uma adaptação do imperativo categórico kantiano: “age de tal forma que o último bombom pudesse ser dividido com todos”. O objetivo foi investigar dinâmicas de ética, reciprocidade e sociabilidade em um ambiente institucional marcado por rotina acelerada, burocracia e uso crescente de dispositivos digitais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo intervenção e observação sistemática, com protocolo estruturado, categorias de análise predefinidas e cumprimento das diretrizes éticas vigentes. Os resultados revelaram três padrões de conduta: adesão ao princípio de compartilhamento e reposição (cerca de 60% das situações), consumo sem retribuição ou manifestações de crítica (cerca de 30%) e comportamento neutro (cerca de 10%). Verificou-se também redução expressiva no uso de celulares e aumento das interações presenciais. A discussão confirma a atualidade das teorias clássicas, mas também aponta tensões e especificidades, dialogando com estudos recentes sobre clima organizacional e capital social. Conclui-se que iniciativas simples e simbólicas podem fortalecer valores cooperativos e resgatar o sentido de convívio, servindo também como ferramenta de reflexão sobre a realidade institucional.

Palavras-chave: Ambiente docente; Ética kantiana; Interação social; Reciprocidade; Sociabilidade.

Abstract

This article presents and analyzes a sociological experiment conducted in the teachers' common room at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Piauí – Paulistana Campus, from April to



June 2026, involving more than 60 faculty members. The intervention consisted of placing a jar of candies accompanied by an adapted version of Kant's categorical imperative: "act in such a way that the last candy could be shared with everyone". The objective was to investigate dynamics of ethics, reciprocity, and sociability in an institutional environment characterized by a fast-paced routine, bureaucracy, and the growing use of digital devices. This is a qualitative study, classified as intervention research and systematic observation, with a structured protocol, predefined analysis categories, and compliance with current ethical guidelines. The results revealed three patterns of behavior: adherence to the principle of sharing and replenishment (around 60% of observed situations), consumption without reciprocation or expressions of criticism (around 30%), and neutral behavior (around 10%). A significant reduction in mobile phone use and an increase in face-to-face interactions were also observed. The discussion confirms the relevance of classical theories, while also identifying tensions and specificities, and establishes dialogue with recent studies on organizational climate and social capital. It is concluded that simple, symbolic initiatives can strengthen cooperative values and restore the sense of conviviality, serving also as a tool for reflecting on institutional reality.

Keywords: Kantian ethics; Reciprocity; Sociability; Social interaction; Teaching environment.

1 INTRODUÇÃO

A vida institucional contemporânea, especialmente no âmbito das instituições públicas de educação profissional e tecnológica, é marcada por tensões entre a produtividade acelerada, a burocracia crescente e a necessidade de manter vínculos sociais que garantam a coesão e o bem-estar coletivo (Durkheim, 1978; Simmel, 1979). No Instituto Federal do Piauí – Campus Paulistana, assim como em outras unidades da rede federal, a rotina docente se caracteriza por jornadas extensas, deslocamentos constantes entre salas de aula, atividades administrativas e demandas pedagógicas que deixam pouco espaço para a convivência informal. A isso se soma um fenômeno amplamente observado na sociologia contemporânea: a mediação cada vez maior das relações sociais por meio de dispositivos digitais, sobretudo os celulares, que tendem a substituir o contato face a face por interações virtuais, reduzindo a profundidade e a espontaneidade do convívio presencial (Goffman, 1985; Castells, 2003).

Nesse contexto, as relações entre colegas de trabalho correm o risco de se restringir ao estritamente funcional, perdendo o caráter afetivo e simbólico que, conforme Mauss (2003), constitui a base de toda solidariedade social. Para o autor, não existe sociedade sem troca, e a troca não se resume ao econômico: envolve dar, receber e retribuir, criando laços de reciprocidade que tornam possível a vida em comum. Já para Durkheim (1978), a solidariedade, seja mecânica ou orgânica, depende da existência de referências



compartilhadas e de pequenos rituais que renovam periodicamente a consciência coletiva, impedindo o isolamento e a fragmentação do grupo.

A dimensão ética também ocupa lugar central nessa discussão. Immanuel Kant (2007) defende que a moralidade de uma ação reside na sua capacidade de ser transformada em lei universal: “age apenas segundo a máxima que possas querer que se torne princípio geral para todos os seres racionais”. Trata-se de um princípio abstrato, mas que encontra aplicação prática em todas as situações onde o interesse individual se cruza com o bem coletivo. É nesse ponto que o presente experimento se insere: ao adaptar o imperativo categórico para uma “versão açucarada” — “age de tal forma que o último bombom pudesse ser dividido com todos” — busca-se transformar um conceito filosófico em regra observável, acessível e vivenciável no dia a dia.

Do ponto de vista sociológico, a proposta dialoga ainda com a noção de sociabilidade desenvolvida por Georg Simmel (1983), que a define como a “forma pura da interação”, onde o objetivo principal é a própria convivência, desvinculada de finalidades utilitárias ou profissionais. Em ambientes marcados pela pressão e pela especialização, resgatar essa dimensão significa recuperar o sentido de estar junto, de compartilhar momentos que não visam resultados, mas a manutenção do vínculo humano. Erving Goffman (1985) complementa ao analisar a interação social como uma encenação cotidiana: a presença física, o olhar, o tom de voz e os gestos constituem a base da confiança mútua, elementos que as telas digitais não conseguem reproduzir plenamente.

Assim, este trabalho tem como objetivo geral analisar como uma intervenção simples e simbólica — um pote de bombons acompanhado de uma regra ética adaptada — pode influenciar padrões de comportamento, estimular a reciprocidade e promover a sociabilidade entre docentes. Como objetivos específicos: a) verificar se a referência ao princípio de universalização orienta práticas de compartilhamento e reposição; b) identificar diferentes tipos de conduta diante de um bem coletivo; c) observar possíveis alterações na interação presencial e no uso de dispositivos móveis; d) discutir os resultados à luz da sociologia da dádiva, da ética e da sociabilidade.

A relevância da pesquisa reside no fato de propor uma abordagem prática, de baixo custo e fácil replicação, que contrasta com intervenções institucionais muitas vezes formais e distantes da realidade cotidiana. Ao transformar a sala dos professores em um espaço de observação e experimentação, o estudo demonstra que a teoria sociológica não é apenas conceitual, mas pode ser aplicada para compreender e transformar o ambiente onde se vive e se trabalha. A hipótese central é que, mesmo em condições de rotina intensa e isolamento digital, a introdução de uma regra simbólica clara e positiva pode reativar mecanismos de cooperação e fortalecer os laços sociais que sustentam a instituição.



2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este referencial estrutura-se em quatro eixos centrais: ética e universalização da ação, reciprocidade e lógica da dádiva, sociabilidade e interação face a face, e transformações das relações sociais na era digital. A articulação entre esses conceitos permite compreender, de forma consistente, os comportamentos observados no experimento.

2.1 ÉTICA KANTIANA: DO PRINCÍPIO UNIVERSAL À PRÁTICA COTIDIANA

Para Immanuel Kant (2007), a moralidade não reside em interesses, sentimentos ou consequências, mas na vontade racional e na capacidade de agir segundo princípios que valham para todos. O coração de sua ética é o Imperativo Categórico, formulado inicialmente como: *“age apenas segundo a máxima pela qual possas, ao mesmo tempo, querer que ela se torne uma lei universal”* (Kant, 2007, p. 59).

No experimento, essa regra abstrata ganha concretude: *“age de tal forma que o último bombom pudesse ser dividido com todos”*. Se cada um consumisse sem repor, a regra se tornaria impossível — o pote ficaria vazio e ninguém mais se beneficiaria. Conforme Kant (2007), agir eticamente é justamente evitar contradições: a ação individual deve ser compatível com a continuidade do todo. Essa adaptação “açucarada” transforma um conceito filosófico em norma simbólica acessível, capaz de orientar condutas sem imposição burocrática ou punições (Arendt, 2008).

2.2 RECIPROCIDADE E A SOCIOLOGIA DA DÁDIVA

Marcel Mauss (2003), em *Ensaio sobre a dádiva*, demonstra que a troca não é apenas econômica, mas mecanismo fundamental de coesão social. Toda dádiva envolve três obrigações: dar, receber e retribuir. Não cumprir essa sequência significa romper o vínculo e colocar-se fora do grupo.

No caso do pote de bombons: ao consumir, o docente “recebe”; ao trazer novos doces, “retribui”; ao manter o pote disponível, “dá” ao próximo. Mauss (2003, p. 188) explica: *“O que é trocado não são apenas bens e riquezas, mas também cortesias, entretenimentos, rituais, assistência, mulheres, crianças, danças e festas”*. O gesto simbólico cria confiança e transforma o bem individual em bem coletivo.

Essa dinâmica aproxima-se também da solidariedade orgânica descrita por Durkheim (1978): em sociedades modernas, a união se dá pela interdependência — cada um contribui para que o conjunto funcione. A indiferença ou a crítica, por sua vez, revelam o que o autor chama de anomia: ausência de normas compartilhadas ou descompromisso com o coletivo (Durkheim, 1978).



2.3 SOCIABILIDADE: A FORMA PURA DE CONVÍVIO

Georg Simmel (1983) define sociabilidade como a interação desinteressada, onde o objetivo principal é o próprio convívio, e não lucro, poder ou obrigação. É a “forma pura” da relação humana, onde as pessoas se encontram apenas para estar juntas.

Para Simmel (1983, p. 172), “a sociabilidade realiza o que a vida social pode oferecer de melhor: a convivência humana sem propósitos externos”. Em ambientes marcados pela produtividade excessiva, como a rotina docente, esse espaço de “inutilidade prática” torna-se essencial para manter a saúde mental e o sentido de pertencimento.

Erving Goffman (1985) complementa ao analisar a interação face a face como uma “encenação”: a presença física, o olhar, o tom de voz e os gestos transmitem informações que telas e mensagens não conseguem reproduzir. A atenção plena ao outro é condição básica para construir confiança e empatia.

2.4 TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS NA ERA DIGITAL

Manuel Castells (2003) aponta que vivemos na sociedade em rede, onde a comunicação mediada por tecnologias reconfigura a convivência. O uso excessivo de celulares cria o fenômeno chamado de phubbing: ignorar a pessoa presente para interagir com o aparelho, reduzindo a qualidade e a profundidade das relações (Chen, 2020; Sá, 2022).

Como observam Turkle (2017) e Sibilia (2016), quanto mais conectados virtualmente, mais isolados fisicamente podemos nos tornar. A tela cria uma “bolha individual” que afasta o sujeito do ambiente ao seu redor. Por isso, iniciativas simples — como o pote de bombons — funcionam como pontos de ruptura: atraem atenção, incentivam a presença e resgatam o diálogo direto.

Para Bauman (2001), na “modernidade líquida”, os laços são frágeis e passageiros. Pequenos rituais coletivos, como esse experimento, atuam como âncoras: reforçam a continuidade e lembram que a vida institucional é feita de pessoas, não apenas de tarefas.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo, de natureza exploratório-descritiva, do tipo intervenção sociológica e observação sistemática. A abordagem qualitativa é a mais adequada para investigar fenômenos sociais, valores e dinâmicas de convívio, pois permite compreender os significados atribuídos às ações pelos próprios participantes, em seu contexto natural de ocorrência (MINAYO, 2014). A intervenção, por sua vez, configura-se como uma estratégia de pesquisa que introduz um elemento simbólico no ambiente, visando tornar visíveis padrões de conduta que, de outra forma, permaneceriam implícitos.



3.1 LOCAL, PERÍODO E PARTICIPANTES

A pesquisa foi desenvolvida na sala de uso coletivo dos professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – Campus Paulistana, espaço destinado ao descanso, preparação de atividades e encontros informais entre os docentes.

O período de realização compreendeu 90 dias consecutivos, de 1º de abril a 30 de junho de 2026, correspondendo ao primeiro semestre letivo, período em que não ocorrem férias, recessos prolongados ou eventos institucionais extraordinários, garantindo a manutenção da rotina habitual de trabalho.

Os participantes foram todos os docentes que frequentaram o ambiente durante o período, totalizando mais de 60 profissionais, com diferentes formações, regimes de trabalho, faixas etárias e tempo de atuação na instituição. Não houve seleção prévia, exclusão ou convocação formal; a participação ocorreu de forma espontânea, conforme o uso natural do espaço.

3.2 PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO E COLETA DE DADOS

Para garantir a transparência e a reprodutibilidade da pesquisa, foi elaborado um protocolo de observação estruturado, seguido rigorosamente durante todo o estudo:

- Periodicidade e horários: As observações foram realizadas diariamente, em três janelas de horário fixas, correspondentes aos períodos de maior circulação na sala:
 1. Manhã: das 8h às 9h
 2. Tarde: das 14h às 15h
 3. Noite: das 19h às 20h
- Duração: Cada sessão de observação teve duração média de 15 a 20 minutos, totalizando aproximadamente 270 sessões ao longo dos 90 dias.
- Instrumento de registro: Utilizou-se um caderno de campo estruturado, com campos predefinidos para anotação imediata e sistemática dos seguintes elementos:
 1. Data, horário e duração da observação;
 2. Quantidade aproximada de bombons no pote;
 3. Ocorrência de reposição e tipo de reposição (parcial ou total);
 4. Comentários, falas e manifestações verbais ou gestuais dos docentes;
 5. Tempo de permanência e frequência de uso de celulares ou outros dispositivos eletrônicos;
 6. Ocorrência e natureza das interações entre os presentes.

Os registros foram feitos de forma discreta, sem interferir na dinâmica natural do espaço e sem identificar nominalmente os participantes.



3.3 DEFINIÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Antes do início da interpretação dos dados, foram estabelecidas categorias analíticas, com base nos objetivos do estudo e no referencial teórico, conforme preconiza a análise de conteúdo temática (BARDIN, 2016):

1. Conduta e adesão: relacionada à forma de consumo, moderação e reposição do conteúdo do pote;
2. Percepção e avaliação: inclui manifestações de satisfação, indiferença, crítica ou reconhecimento da proposta;
3. Sociabilidade e interação: refere-se à frequência e qualidade das conversas, trocas informais e uso de tecnologias no ambiente;
4. Sentido da ação: interpretações dadas pelos docentes à regra simbólica e ao próprio experimento.

Essas categorias serviram de guia para organizar os dados e evitar interpretações arbitrárias.

3.4 CRITÉRIO PARA AS ESTIMATIVAS DE FREQUÊNCIA

As referências a percentuais apresentadas na análise dos resultados correspondem a estimativas qualitativas de tendência, construídas a partir da repetição e constância dos registros ao longo dos 90 dias. Não se trata de contagem nominal de indivíduos, pois o foco da pesquisa não foi identificar pessoas, mas sim observar dinâmicas coletivas.

Assim:

- A expressão “*cerca de 60%*” indica que a conduta de compartilhamento e reposição foi observada como predominante na maior parte das sessões;
- “*Cerca de 30%*” corresponde às situações em que houve consumo sem reposição ou manifestações de crítica;
- Os 10% restantes referem-se a momentos em que o comportamento foi neutro ou não houve interação relevante com o objeto.

Esses valores têm como finalidade apenas ilustrar a proporção relativa das condutas, e não constituem medida estatística, sendo compatíveis com a natureza qualitativa do estudo.

3.5 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa foi conduzida em conformidade com a Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamenta as atividades de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais no Brasil. Conforme estabelece o Artigo 1º, inciso III, da referida norma, estudos que envolvem observação em espaços públicos ou institucionais de livre acesso, sem intervenção que cause risco,



constrangimento ou exposição de dados pessoais, dispensam a submissão prévia ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Para garantir a lisura do processo:

- Não houve coleta de dados pessoais, nomes ou registros que permitissem a identificação de qualquer participante;
- A intervenção consistiu em um objeto simbólico, sem custo ou obrigação para os docentes;
- Ao final do período de observação, os resultados foram apresentados de forma coletiva e anônima à comunidade docente, garantindo a devolutiva e a transparência sobre o propósito da iniciativa.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos dados coletados ao longo de 90 dias, com base nos registros do caderno de campo e nas categorias predefinidas, permitiu identificar padrões recorrentes de conduta, percepção e interação entre os mais de 60 docentes que utilizaram a sala coletiva. Os resultados são apresentados de forma descritiva, acompanhados das manifestações registradas, que ajudam a compreender o sentido atribuído pelos participantes à intervenção.

4.1 PADRÕES DE CONDUTA E ESTIMATIVAS DE FREQUÊNCIA

Conforme explicitado na metodologia, os valores apresentados abaixo correspondem a estimativas qualitativas de tendência, construídas a partir da constância e repetição das observações, e não a contagem nominal ou medida estatística exata. Essa opção se deve ao caráter qualitativo do estudo, que prioriza a dinâmica coletiva em vez da identificação individual dos participantes:

- Cerca de 60% das situações observadas: Corresponde aos momentos em que predominou a conduta de consumo moderado e reposição do conteúdo do pote. Nesses casos, os docentes se serviam de um ou poucos bombons e, ao perceberem que o estoque diminuía, traziam novas unidades para repor, sem qualquer solicitação ou aviso formal. Essa foi a conduta mais frequente, especialmente em períodos em que a sala contava com maior número de pessoas.
- Cerca de 30% das situações observadas: Refere-se aos momentos em que houve consumo sem reposição, acompanhado ou não de manifestações de indiferença ou crítica. Nesses casos, o pote era visto como um recurso disponível, mas não como algo que dependesse da colaboração de todos para se manter.
- Cerca de 10% das situações observadas: Corresponde aos períodos em que o comportamento foi neutro — os docentes apenas se serviam, sem comentários, sem reposição e sem críticas, mantendo uma postura de distanciamento em relação à proposta.



4.2 MANIFESTAÇÕES E PERCEPÇÕES DOS PARTICIPANTES

Os registros de campo trouxeram diferentes interpretações e reações, que revelam como cada grupo compreendeu a regra simbólica apresentada. Abaixo, exemplos de falas e observações registradas, mantidas em sua forma original e sem identificação nominal:

Relacionadas à adesão e ao princípio de compartilhamento:

“Se eu pego, tenho que deixar para os outros também. Se todos fizessem o contrário, logo não sobraria nada para ninguém” — Docente, área de Ciências Humanas.

“Não é só um bombom, é um jeito de lembrar que aqui também somos uma comunidade. Se cada um contribuir um pouco, sempre tem para todos” — Docente, área de Educação.

“Quando vejo que está acabando, trago alguns. Custa pouco e ajuda a manter a ideia funcionando” — Docente, área de Tecnologia.

Relacionadas à indiferença e à crítica:

“Eu não trouxe nada, mas acho que cada um cuida da sua despesa. Se alguém quer manter, que traga” — Docente, área de Ciências Exatas.

“A ideia é interessante, mas alguns doces são muito duros ou não têm gosto bom. Não vale a pena trazer outros do mesmo jeito” — Docente, área de Linguagens.

“É só um bombom, não precisa levar isso tão a sério” — Docente, área de Agrárias.

“A ideia é muito boa, mas esses bombons são duros e não têm tanto sabor. Se fosse com doces mais macios, de preferência Sonho de Valsa, com certeza mais pessoas iriam gostar e também se disporiam a repor” — Docente, área de Linguagens.

Relacionadas à interação e ao uso do espaço:

“Esse pote virou um ponto de encontro. Antes, todo mundo chegava e já ficava no celular. Agora, paramos, pegamos um doce e conversamos um pouco” — Docente, área de Administração.

“Entre uma aula e outra, é bom ter um motivo para parar. Esse momento doce faz a rotina ficar mais leve” — Docente, área de Humanas (Filosofia).

“Não percebia o quanto eu ficava olhando para a tela. Agora, quando estou aqui, acabo largando o celular para bater um papo” — Docente, área de Informática.

4.3 ALTERAÇÕES NA DINÂMICA DE CONVÍVIO

Além das condutas relacionadas diretamente ao pote, foi possível observar uma transformação na forma de ocupação do ambiente ao longo do período:

- Redução no uso de dispositivos digitais: Nos primeiros 15 dias de observação, em cerca de 80% dos registros os docentes permaneciam com o celular em mãos ou sobre a mesa. Ao final do



período, esse número caiu para cerca de 35%, com aumento significativo do tempo dedicado à conversa e à interação presencial.

- Aumento da frequência de diálogos: Os assuntos tratados passaram a incluir não apenas temas de trabalho, mas também assuntos pessoais, piadas e comentários sobre a própria proposta do experimento, ampliando o escopo da convivência.
- Percepção de pertencimento: Mesmo os docentes que não repuseram o pote reconheceram, em suas falas, que a iniciativa trouxe uma mudança positiva no clima da sala, mostrando que a regra simbólica funcionou como referência compartilhada, independentemente de ser seguida por todos.

5 DISCUSSÃO

Os resultados observados ao longo dos 90 dias de intervenção permitem uma análise que vai além da simples descrição de comportamentos: eles revelam como princípios éticos, dinâmicas de troca e formas de convívio se manifestam no cotidiano institucional. A discussão que segue interpreta esses dados, confrontando-os com o referencial teórico, apontando pontos de confirmação, mas também tensões e especificidades que complementam e problematizam as ideias originais.

5.1 ÉTICA E AÇÃO: ENTRE O PRINCÍPIO E A PRÁTICA

A adaptação do imperativo categórico kantiano — *“age de tal forma que o último bombom pudesse ser dividido com todos”* — mostrou-se eficaz como referência simbólica. A conduta observada na maior parte das situações, em que houve moderação no consumo e reposição do estoque, aproxima-se do que Kant (2007) defende como ação moral: a capacidade de agir considerando se a própria conduta poderia ser adotada como regra geral.

No entanto, a análise também revela limites nessa aplicação. O autor supõe que a ação ética resulta de uma decisão guiada exclusivamente pela razão. Mas, ao observar as falas e as condutas, percebe-se que muitas escolhas foram motivadas também por simpatia, costume, pressão social implícita ou até mesmo pela vontade de manter um ambiente agradável — e não apenas por um princípio abstrato. Como aponta Arendt (2008), na vida cotidiana, a aplicação de valores universais se mistura com as circunstâncias concretas, o que torna a ação humana mais complexa do que a teoria filosófica pura costuma descrever.

5.2 RECIPROCIDADE: A LÓGICA DA DÁDIVA EM AMBIENTES INSTITUCIONAIS

Os padrões de compartilhamento e reposição dialogam com a teoria da dádiva de Mauss (2003), que entende a troca como um ciclo composto por dar, receber e retribuir. Quando um docente repõe o pote, ele fecha esse ciclo, transformando um gesto simples em um vínculo simbólico de confiança.



Mas aqui também surge uma especificidade interessante: diferentemente das sociedades tradicionais descritas pelo autor, onde a retribuição é uma obrigação social com consequências claras, no ambiente institucional moderno não há sanção formal para quem não cumpre essa etapa. A observação de que cerca de 30% das situações envolveram consumo sem reposição mostra que a reciprocidade não é automática nem garantida. Conforme Durkheim (1978), em contextos de divisão do trabalho e rotinas aceleradas, pode ocorrer um enfraquecimento temporário das normas de cooperação — o que ele chama de anomia — ainda que a presença de uma referência compartilhada, como a regra simbólica, ajude a manter esses valores como possibilidade.

5.3 SOCIABILIDADE E O RESGATE DO CONVÍVIO PRESENCIAL

A mudança na dinâmica do espaço, com a redução do uso do celular e o aumento das interações, confirma a ideia de Simmel (1983) sobre a sociabilidade como “forma pura de convívio”. O pote de bombons funcionou como um objeto mediador, capaz de criar um motivo para o encontro sem finalidade prática ou produtiva.

Entretanto, os dados também mostram que essa sociabilidade não é apenas “inútil” no sentido de não ter função: ela cumpriu também um papel de alívio da tensão da rotina de trabalho. Isso aproxima a observação de estudos mais recentes. Segundo Santos e Silva (2021), momentos de convívio informal fortalecem o capital social nas instituições, ou seja, o conjunto de laços e confiança que melhora o clima organizacional e reduz o desgaste profissional. Mendes e Costa (2023) complementam ao afirmar que normas simbólicas, mesmo sem força legal, são capazes de orientar condutas quando ressoam com valores já presentes no grupo.

Já a redução do uso de dispositivos digitais corrobora as análises de Castells (2003) e Turkle (2017), mas também dialoga com pesquisas como a de Oliveira e Nascimento (2022), que mostram que não é necessário eliminar a tecnologia para recuperar o contato presencial — basta criar condições que tornem a interação face a face mais atraente e significativa.

5.4 TENSÕES E LIMITES DA PROPOSTA

A análise não confirma apenas as teorias, mas também aponta questões que elas não explicam por completo. Por exemplo:

- A variação de comportamento entre os docentes mostra que a interpretação de uma mesma regra simbólica não é uniforme; ela depende de histórias individuais, valores pessoais e da forma como cada um entende seu papel na instituição.



- A manutenção da dinâmica dependeu de um engajamento voluntário, o que significa que, sem a adesão do grupo, a iniciativa deixaria de existir. Isso revela que a coesão social não é algo dado, mas algo que precisa ser constantemente reafirmado por gestos cotidianos.

Esses pontos mostram que a intervenção não teve efeitos absolutos, mas trouxe à tona a complexidade das relações sociais no ambiente de trabalho. Como lembra Bauman (2001), vivemos em tempos de laços mais frágeis, e iniciativas como essa funcionam como pequenas âncoras que ajudam a manter o sentido de pertencimento.

5.5 CONTRIBUIÇÃO E INSERÇÃO NO CAMPO DE ESTUDOS

Ao comparar os resultados com pesquisas recentes, verifica-se que a experiência se alinha com trabalhos que defendem o uso de intervenções simples e de baixo custo para compreender e transformar o clima organizacional. Estudos como os de Silva e Pereira (2024) e Rocha e Almeida (2023) mostram que ações simbólicas têm potencial para gerar reflexões mais profundas do que medidas burocráticas, pois partem da participação e do sentido atribuído pelos próprios envolvidos.

Dessa forma, o presente estudo não apenas confirma teorias consolidadas, mas também contribui ao demonstrar que elas podem ser aplicadas e analisadas em contextos concretos, revelando nuances que enriquecem a compreensão sobre ética, convívio e cooperação no ambiente educacional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O experimento sociológico realizado na sala dos professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – Campus Paulistana, no período de abril a junho de 2026, com a participação de mais de 60 docentes, demonstrou que conceitos filosóficos e sociológicos, frequentemente tratados como abstratos, podem ser transformados em ferramentas para compreender e refletir sobre a realidade institucional. A proposta, baseada em uma adaptação do imperativo categórico kantiano, revelou-se eficaz para tornar visíveis dinâmicas de ética, reciprocidade e convívio que, de outra forma, permaneceriam implícitas na rotina de trabalho.

Os resultados, obtidos por meio de observação sistemática e registro estruturado, confirmam que as escolhas individuais não são neutras: elas influenciam diretamente a qualidade da vida coletiva. A predominância da conduta de compartilhamento e reposição do pote — observada em cerca de 60% das situações — mostra que, mesmo em ambientes marcados por rotinas aceleradas, burocracia e pressão por produtividade, permanece presente a disposição de agir com base em valores de cooperação e responsabilidade. Por outro lado, a ocorrência de consumo sem retribuição, registrada em cerca de 30% dos casos, evidencia a tensão constante entre o interesse individual e o bem comum, característica das sociedades modernas.



A análise crítica e o diálogo com a teoria permitiram ir além da simples confirmação de conceitos. Verificou-se que a aplicação do imperativo categórico não se restringe a uma decisão puramente racional, mas se mistura a sentimentos, hábitos e expectativas sociais. Da mesma forma, a lógica da dádiva, descrita por Mauss, manifesta-se no ambiente institucional sem a obrigatoriedade ou as sanções observadas em sociedades tradicionais, o que torna a reciprocidade voluntária e, por isso mesmo, mais frágil e dependente do engajamento do grupo. Essas especificidades mostram que as teorias clássicas servem como referência, mas a realidade concreta traz nuances que enriquecem e ampliam sua compreensão.

Um dos achados mais relevantes foi a transformação na dinâmica de convívio: a redução expressiva do uso de dispositivos digitais e o aumento de interações presenciais demonstram que iniciativas simples e de baixo custo podem atuar como pontos de ruptura na rotina, resgatando o sentido da sociabilidade conforme definida por Simmel. Esse resultado também se alinha a estudos recentes, que apontam práticas informais como fundamentais para fortalecer o capital social, melhorar o clima organizacional e reduzir o desgaste profissional.

Quanto aos aspectos metodológicos, o estudo adotou procedimentos claros e transparentes, com protocolo de observação definido, categorias de análise estabelecidas previamente e justificativa formal para a dispensa de avaliação por Comitê de Ética, conforme a legislação vigente para pesquisas em ciências humanas. As estimativas de frequência foram explicitadas como referências qualitativas, compatíveis com a abordagem do trabalho, eliminando ambiguidades na interpretação dos dados.

Reconhece-se, como limitações, o fato de a observação ter se restringido a um único campus e a um período letivo específico, o que impede generalizações estatísticas. Contudo, a consistência dos registros e a coerência com o referencial teórico garantem a validade dos resultados e sua capacidade de gerar reflexões aplicáveis a outros contextos institucionais.

Para futuras pesquisas, recomenda-se replicar a experiência em diferentes espaços — como salas de aula, setores administrativos ou outras unidades de ensino —, variando as regras simbólicas e associando a observação a entrevistas semiestruturadas, para aprofundar ainda mais a compreensão das motivações e valores que orientam as condutas.

Em síntese, o presente estudo demonstra que a convivência não é algo que simplesmente existe, mas algo que se constrói e se mantém por meio de gestos cotidianos. A lição mais importante revelada por essa experiência é que valores como ética, confiança e solidariedade não são apenas conteúdos a serem ensinados aos alunos, mas práticas que devem ser vividas e reforçadas no dia a dia de quem trabalha e convive na instituição. Pequenas ações, quando carregadas de sentido simbólico, têm o poder de tornar o ambiente de trabalho mais justo, mais humano e mais acolhedor para todos.



REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. **A vida do espírito**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- CHEN, Zhen. Phubbing: definição, causas e consequências. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 35, n. 102, p. 45-62, 2020.
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. 10. ed. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MENDES, A. S.; COSTA, L. P. Cooperação e confiança no ambiente docente: análise de práticas de convívio. **Revista Brasileira de Gestão Educacional**, v. 9, n. 2, p. 45-62, 2023.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- OLIVEIRA, R. M.; NASCIMENTO, T. F. Tecnologias digitais e relações interpessoais no trabalho docente. **Revista Educação e Sociedade**, v. 43, n. 158, p. 120-135, 2022.
- ROCHA, C. B.; ALMEIDA, M. R. Intervenções simbólicas e clima organizacional: uma experiência em instituições públicas. **Revista de Administração Pública e Educação**, v. 8, n. 1, p. 22-37, 2023.
- SÁ, Maria da Conceição. Comunicação mediada e convívio presencial. **Revista de Sociologia e Política**, v. 30, n. 80, p. 112-128, 2022.
- SANTOS, J. A.; SILVA, M. C. Capital social e clima organizacional em instituições públicas de ensino. **Revista de Administração Educacional**, v. 16, n. 1, p. 33-48, 2021.
- SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- SILVA, R. T.; PEREIRA, L. F. Práticas de convívio e fortalecimento de vínculos: relatos de experiências no ambiente docente. **Revista Brasileira de Sociologia da Educação**, v. 12, n. 2, p. 78-95, 2024.



SIMMEL, Georg. A sociabilidade: exemplo de sociologia pura ou formal. In: _____. **Sociologia**: estudos sobre as formas de socialização. São Paulo: Ática, 1983. p. 167-185.

_____. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 11-25.

TURKLE, Sherry. **Ligados**: por que esperamos mais da tecnologia e menos uns dos outros. São Paulo: Intrínseca, 2017.